

## O espiritismo como religião brasileira

Amurabi Oliveira<sup>1</sup>

### Resenha do livro:

PRANDI, José Reginaldo. *Os mortos e os vivos: uma introdução ao espiritismo*. São Paulo, Três Estrelas, 2012.

A atuação do sociólogo José Reginaldo Prandi no campo de pesquisa das religiões afro-brasileiras é vastamente conhecida pelos cientistas sociais especializados nessa seara, sendo referências recorrentes em trabalhos na área vários de seus livros, como *Mitologia dos Orixás* (2001), *Segredos guardados: orixás na alma brasileira* (2005), *Morto nos búzios* (2006), além do icônico *A realidade social das religiões no Brasil: religião, sociedade e política* (1996), escrito em parceria com Antônio Flávio Pierucci. *Os mortos e os vivos: uma introdução ao espiritismo* (2012), seu mais recente livro, retira o autor dessa zona de conforto e o leva a navegar em outros mares, ainda que não saia das chamadas “religiões mediúnicas”; porém, ao contrário de trabalhos como os de Cavalcanti (1983) e de Aubrée e Laplantine (2009), Prandi se propõe a um exercício quase didático para a compreensão do espiritismo, em especial em sua vertente kardecista formulada no Brasil, ainda que lhe imprima uma interpretação particular do fenômeno, em especial quando compara essa religião com a umbanda.

Como um trabalho que se preocupa em esclarecer ao máximo as questões que possam surgir para o leitor, o primeiro capítulo, intitulado “Os vivos e os mortos, espíritos e espiritismos”, serve como uma introdução geral, em que se debatem questões bastante próprias do campo da sociologia da religião ao

1 Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) – Florianópolis – Brasil – amurabi\_cs@hotmail.com

pensar na “necessidade” imanente de criação de uma explicação para a morte, e para o além morte, e em como as diversas religiões que daí emergem lidam com essa relação entre este mundo e o “outro mundo”, mais que isso, entre os vivos e os mortos, supostamente dotados de espírito. O autor classifica as religiões em dois grandes grupos: o primeiro seria formado por aquelas que “deixam os espíritos dos mortos em paz”; o segundo, pelas que não apenas tratam com intimidade a relação entre vivos e mortos, mas também consideram importante tal aproximação – o espiritismo estaria nesse segundo grupo, originando-se a partir do movimento espiritualista que se originou nos Estados Unidos em 1848.

Em “Um caso primordial contado pelo mestre do mistério policial”, ele busca a gênese no movimento espírita nos Estados Unidos do século XIX, quando ocorre o “caso das irmãs Fox”, e para tanto toma a narrativa de Arthur Conan Doyle (1859-1930), que além de espiritualista convicto fora criador do personagem Sherlock Holmes. O caso é reconhecido como um marco do espiritualismo e remete ao início da sistematização do contato com os espíritos a partir do século XIX, passo fundamental para o trabalho desenvolvido por Hippolyte Léon Ddenizard Rivail (1804-1869), tema de “Allan Kardec e a doutrina da vida além-túmulo”, no qual Prandi situa Rivail como um francês do seu tempo, influenciado pelo positivismo, pelo evolucionismo e pelo empirismo, que ao entrar em contato com as famosas mesas girantes “Passou a acreditar que alguma razão maior poderia ser encontrada por trás das meras manifestações que encantavam curiosos, crentes e praticantes devotados” (p. 36), trazendo uma nova questão para esse cenário ao colocar em cena a crença na reencarnação, proveniente do hinduísmo, porém substancialmente modificada por Rivail:

[...] definindo que há um objetivo maior que preside as reencarnações sucessivas e que o espírito humano somente reencarna como ser humano. Além disso, para ele, não se podia mais entender o espírito e a reencarnação separadamente. Cada ser humano vivente nessa Terra teve vidas anteriores e terá outras no futuro, mais ou menos aperfeiçoadas, seja aqui ou em outros mundos, passando o espírito necessariamente por várias reencarnações (p. 36-37).

A partir daí Rivail redige o primeiro dos cinco principais livros do espiritismo: *O livro dos espíritos* (1857)<sup>2</sup>, cuja segunda edição, publicada em 1860, torna-se a versão oficial; a partir de então ele passa a assinar como Allan Kardec, novo nome cuja escolha não é totalmente clara. Segundo Prandi, apesar da in-

2 Os outros livros são *O livro dos médiuns* (1861), *O evangelho segundo o espiritismo* (1864), *O céu e o inferno* (1865) e *A gênese* (1868).

tenção de Kardec de que o espiritismo fosse ao mesmo tempo filosofia, ciência e religião, sendo o aspecto científico aquele que despertou o interesse maior do público, tanto na Europa quanto no Brasil inicialmente, apenas aqui o espiritismo se converteu em uma religião completamente autônoma. Outro ponto que o autor destaca é a centralidade que a caridade assume, tornando-se o lema do espiritismo a ideia de que sem a caridade não há salvação.

Segue sua análise voltando para a realidade brasileira. No capítulo intitulado “O kardecismo no Brasil, o começo e a forma”, Prandi inicia a parte mais interessante do livro, na qual adentra nas singularidades do espiritismo brasileiro, indicando alguns fatos já amplamente conhecidos pela literatura da área, como a chegada por esse lado do Atlântico ainda no século XIX, primeiramente em Salvador, e o interesse inicialmente pelo aspecto científico da doutrina; a rápida difusão entre as camadas médias, em especial nos centros urbanos, com destaque para o Rio de Janeiro, onde, segundo o autor, o espiritismo se constituiu definitivamente como religião; a ênfase na oferta de serviços terapêuticos espirituais por meio dos passes e pela indicação de remédios homeopáticos; e a fundação da Federação Espírita Brasileira (FEB) em 1884 no Rio de Janeiro. O retrato desse momento é completado com a emergência da figura de Bezerra de Menezes (1830-1900), que se torna o principal líder dessa religião no Brasil no século e imprime algumas marcas importantes, como a compreensão do espiritismo como uma religião cristã avançada.

Ao avançar historicamente para o século XX, Prandi constrói uma narrativa que afirma o espiritismo como uma religião definitivamente brasileira ou, como se intitula o capítulo: “Kardecismo, uma religião brasileira”. Nesse contexto, o foco na caridade apresenta-se como um importante fator de difusão e popularização dessa religião; também é nesse cenário que surgem mais enfaticamente os embates com outras religiões, quando “[...] católicos acusavam os espíritas de esconder uma falsa religião atrás de uma falsa ciência” (p. 60). Ele nos indica que até os anos 1950 era comum a apresentação em sessões do fenômeno da materialização do espírito, mas que com o tempo tais demonstrações perderam o interesse do público, o que se deu num processo de fortalecimento do espiritismo enquanto religião, ao passo que “Sua ciência, no entanto, era fraca, nem de longe competindo com a ciência oficial. Sua filosofia não passava de argumentação doutrinária” (p. 63). Surge então a principal figura do espiritismo do século XX: Francisco Cândido Xavier (1910-2002), mais conhecido como Chico Xavier, que reforçou ainda mais o aspecto religioso dessa doutrina.

Chico Xavier notabiliza-se tanto pela produção de milhares de cartas psicografadas, direcionadas a pessoas que haviam perdido entes queridos, quanto

pelo expressivo número de obras literárias mediúnicas; segundo Prandi, esse tipo de obra “[...] é usada como meio de divulgar a doutrina espírita, esclarecer aspectos menos conhecidos pelo público leitor e desenvolver ou atualizar certos temas da religião” (pp. 66-67).

Ainda nesse capítulo o autor nos apresenta em linhas gerais como se dão as sessões espíritas, indicando desde o processo de comunicação com os mortos, que pode se realizar por diferentes meios, passando pela parte assistencial, que seria “[...] um elemento importante de ligação da religião com a sociedade” (p. 74), e por fim indicando o ganho significativo do espiritismo nos meios de comunicação de massa e na indústria cultural.

Em “Cura da alma, cura do corpo”, Prandi nos traz um aspecto que fora destacado já pelos estudos pioneiros de Bastide (1967) e de Camargo (1961; 1973), que convergiram para uma interpretação que compreende que, ao passo que o espiritismo na França possuiu uma dimensão predominantemente científica e experimental, no Brasil a ênfase recaiu sobre o caráter religioso e terapêutico (Oliveira, 2013). Novamente ele compila informações já presentes em outros trabalhos, como o tipo de explicação que o espiritismo atribui aos diversos males, que podem ser oriundos do carma de outras vidas, da presença de um espírito sofredor ou ainda ter uma origem no plano biológico, o que deve ser tratado pela medicina oficial, ainda que o espiritismo possa entrar como tratamento complementar. Todo esse processo teria como fio condutor a questão da caridade, em seus múltiplos aspectos, tanto por parte do médium para aqueles que procuram seus serviços e para os espíritos sofredores que são doutrinados e auxiliados na evolução espiritual, quanto por parte dos espíritos de luz, evoluídos espiritualmente, que auxiliam no processo. Segundo Prandi, tendo em vista que aqueles que se convertem ao espiritismo têm, em sua maioria, o primeiro contato com a doutrina na condição de “paciente” que procura auxílio em um centro, “A prática terapêutica, dessa maneira, serve ainda à reprodução da própria religião, ao arremeter nos consultórios e enfermarias religiosos seus futuros agentes” (p. 85). A figura de José Pedro de Freitas (1921-1971), mais conhecido como José Arigó, é emblemática, ao incorporar uma entidade denominada Dr. Fritz, realizando inúmeras consultas e cirurgias espirituais, não sem controvérsias e embates por parte de outras religiões e do poder público, chegando mesmo a ser preso devido a suas atividades.

Ao adentrar no campo de outras religiões mediúnicas, comparando-as com o espiritismo, Prandi faz seu exercício mais provocativo em “Espiritismo de umbanda, outra religião brasileira”, apontando tanto para o fato de que a umbanda surge do encontro do espiritismo com o candomblé quanto para as divergências

entre essas duas religiões, como as seguintes: a) no kardecismo tudo se faz em nome da caridade, ao passo que na umbanda faz-se necessário realizar oferendas para os orixás e encantados, visando obter seus favores; b) a sabedoria de um espírito-guia ideal seria associada a seu elevado grau de escolaridade ou ao estrato social alto em vida, no caso do espiritismo; por outro lado, na umbanda a sabedoria proviria da experiência de vida. Para Prandi, faz-se necessário compreender as mudanças que a umbanda demarcou ao incorporar os elementos do kardecismo, distando-se do candomblé.

Os passos decisivos para a implantação do novo credo foram a adoção da língua vernácula nos ritos, abandonando as línguas rituais africanas, a simplificação da iniciação sacerdotal e a eliminação quase total do sacrifício de sangue. A iniciação na umbanda adotou um estilo de aprendizado mediúnico público, em detrimento da iniciação secreta do candomblé [...] Manteve, porém, o rito cantado e dançado dos candomblés, bem como um panteão simplificado de orixás, já anteriormente sincretizados com santos católicos, mas tendo no centro do culto os espíritos caboclos e negros, os guias da umbanda (pp. 95-96).

Além dessas questões, na umbanda a ideia de que os espíritos também precisam de auxílio espiritual perde força, o que se deve, em grande medida, ao fato de que a noção de desenvolvimento espiritual, que era central no kardecismo, passou a ocupar um lugar periférico na umbanda. É-nos indicado ainda que muitos umbandistas costumam se declarar espíritas, ainda que os kardecistas busquem evitar qualquer tipo de aproximação com a umbanda. Como nos indica Brandão (2004), o candomblé, a umbanda e o espiritismo formam no Brasil uma hierarquia simbólica entre as religiões de possessão, indo da mais negra à mais branca, da mais ligada à tradição oral àquela mais ligada à tradição escrita e, conseqüentemente, da menos legítima à mais legítima.

Apesar de apontar que kardecistas, umbandistas e seguidores das religiões afro-brasileiras tradicionais continuam a se declarar espíritas, ou muitas vezes católicos, o que dificultaria ter a noção exata de quantos são em cada crença – reconhecendo aqui que se trata de religiões distintas que possuem como denominador comum a mediunidade como meio de comunicação com os mortos, entidades e divindades –, não temos nesse livro pistas o suficiente para percebermos as tensões estabelecidas, que remetem inclusive a outras questões, como a racial, profundamente imbricada na hierarquização das religiões mediúnicas: não à toa, a umbanda, ao incorporar os elementos do kardecismo, marca-se por um intenso processo de embranquecimento dos cultos afro-brasileiros (Ortiz, 1999).

O último capítulo, que equivaleria a uma conclusão do livro, intitulado “Os espíritos na sociedade brasileira”, Prandi inicia com uma reflexão mais geral sobre o pertencimento religioso na modernidade, indicando que atualmente a possibilidade de mudar de religião mostra-se como um “direito líquido e certo”, o que torna a condição de espírita bem mais confortável do que já fora no século XIX e no início do século XX. Aponta ainda a presença de Jesus Cristo como central na doutrina espírita, ainda que isso não ocorra sem sobressaltos, não sendo o espiritismo reconhecido pela maioria dos católicos e evangélicos como uma religião cristã, ainda que boa parte dos espíritas se declare cristã. Por fim, com base nos dados do censo do IBGE de 2010, afirma que “[...] os espíritas são em média os mais escolarizados e de maior renda, e os evangélicos, os menos escolarizados e mais pobres. Uns e outros estão em polos opostos em uma escola de estratificação social”, que são também proporcionalmente o grupo religioso mais branco (69%) e que houve um crescimento expressivo de 2000 para 2010, na casa dos 35%, pulando de 1% para 2% da população brasileira, formando um contingente de quase 4 milhões de adeptos.

*Os mortos e os vivos* mostra-se como uma obra importante não apenas para aqueles que estão iniciando nas pesquisas sobre espiritismo mas também para todos que se interessem por compreender o campo religioso brasileiro. A argumentação de Prandi nos leva ao reconhecimento inevitável do espiritismo como uma religião genuinamente brasileira, ao ressaltar os contornos idiossincrásicos que essa religião assume neste país; mais que isso, ao interpretar a umbanda como uma forma de espiritismo, amplia a influência do kardecismo em nosso campo religioso. Ainda mais, ao dar relevo aos processos de transformação que têm ocorrido nessa realigação, o que é analisado a partir de uma moldura mais ampla, ele converge para o que já fora apontado no balanço realizado por Pierucci e Mariano (2010) de que a sociologia da religião no Brasil é essencialmente uma sociologia da mudança, da mudança religiosa enquanto mudança cultural. Trata-se, certamente, de uma obra de fundamental relevância para a sociologia da religião no Brasil, que sintetizou magistralmente as principais questões necessárias para se compreender o espiritismo, associadas a uma interpretação instigante sobre o lugar dessa religião em nossa sociedade.

## Referências

- AUBRÉE, Marion; LAPLANTINE, François. *A mesa, o livro e os espíritos: gênese, evolução e atualidade do movimento social espírita entre França e Brasil*. Maceió, Edufal, 2009.
- BASTIDE, Roger. Spiritism au Brésil. *Archives des Sciences Sociales des Religions*, s.v., n. 24, juil.-dec. 1967.

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Fronteira da fé: alguns sistemas de sentido, crenças e religiões no Brasil de hoje. *Estudos Avançados*, v. 18, n. 52, set.-dez. 2004, pp. 261-288.
- CAMARGO, Cândido Procópio. *Católicos, espíritas e protestantes*. Petrópolis, Vozes, 1973.
- CAMARGO, Cândido Procópio. *Kardecismo e umbanda*. São Paulo, Pioneira, 1961.
- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. *O mundo invisível: cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa no espiritismo*. Rio de Janeiro, Zahar, 1983.
- PIERUCCI, Antônio Flávio; MARIANO, Ricardo. Sociologia da religião, uma sociologia da mudança. In: MARTINS, Carlos Benedito; MARTINS, Heloísa Helena T. de Souza. (Org.). *Horizontes das ciências sociais no Brasil: sociologia*. São Paulo, ANPOCS, 2010, pp. 279-301.
- OLIVEIRA, Amurabi. Jamais fomos pré-modernos: as transformações nas religiosidades brasileiras. *Século XXI – Revista de Ciências Sociais*, v. 3, n. 2, 2013, pp. 65-111.
- ORTIZ, Renato. *A morte branca do feiticeiro negro: umbanda e sociedade brasileira*. São Paulo, Brasiliense, 1999.
- PRANDI, Reginaldo. *Morte nos búzios*. São Paulo, Companhia das Letras, 2006.
- PRANDI, Reginaldo. *Segredos guardados: orixás na alma brasileira*. São Paulo, Companhia das Letras, 2005.
- PRANDI, Reginaldo; PIERUCCI, Antônio Flávio. *A realidade social das religiões no Brasil: religião, sociedade e política*. São Paulo, Hucitec, 1996.

Recebido em: 28/05/2014

Aceito em: 03/06/2014

### **Como citar esta resenha:**

- OLIVEIRA, Amurabi. O espiritismo como religião brasileira. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*. São Carlos, v. 5, n. 1, jan.-jun. 2015, pp. 261-267.